

30 de Março 2022

Cabo Ligado Semanal: 21-27 de Março

[Cabo Ligado](#) é um observatório de conflitos em Moçambique lançado pela ACLED, Zitamar News e Mediafax.

EM NÚMEROS

Cabo Delgado, Outubro 2017-Março 2022

- Número total de ocorrências de violência organizada: 1,208
- Número total de fatalidades reportadas de violência organizada: 3,874
- Número total de fatalidades reportadas por violência organizada contra civis: 1,689

[Acesse os dados.](#)

RESUMO DA SITUAÇÃO

Enquanto as Forças de Defesa e Segurança de Moçambique (FDS) e a polícia tentam erradicar os restantes insurgentes na ilha de Matemo, os militantes continuam a ameaçar as comunidades nos distritos de Mueda, Macomia e Nangade. A 24 de Março, quatro dias depois de atacar a aldeia de Naida em Mueda, os insurgentes invadiram a aldeia Alberto Chipande 20 km a oeste, perto da fronteira com a Tanzânia, conhecida localmente como Nachipande, matando pelo menos duas mulheres. Os insurgentes teriam chegado à aldeia disparando suas armas e morto duas mulheres enquanto tentavam fugir.

A 27 de Março, os insurgentes foram vistos novamente a deslocarem-se na área para as proximidades de Nambungali, no norte de Mueda. Diz-se que os civis nas aldeias de Chipingo, Matiu, Maguiguane e Lungango estão assustados e sem saber se devem partir. Estes insurgentes terão entrado em confronto com tropas ruandesas no distrito há duas semanas. Embora fora da área de responsabilidade dos ruandeses, eles atravessam a fronteira do distrito para missões urgentes, de acordo com uma fonte no local.

Na semana passada, em Macomia, ocorreram confrontos violentos entre insurgentes e forças de segurança. A 21 de Março, uma fonte afirmou que um parente que servia como comando nas FDS foi morto em batalha dois dias antes nas florestas perto de Quissanga. As circunstâncias exatas de sua morte ainda não são conhecidas, mas seu corpo foi levado para Montepuez para ser enterrado.

Outros confrontos foram relatados a 24 de Março no extremo norte da vila de Macomia, a cerca de 40 km de Quissanga. Veículos militares foram observados em alta velocidade em direção aos combates, que pareceu diminuir em 20 minutos. Pouco depois, os veículos voltaram para a vila. Uma fonte afirma que houve vítimas, mas isso não foi comprovado.

À medida que a escassez de alimentos se torna cada vez mais grave, os insurgentes parecem ter [libertado](#) cer-

ca de 200 reféns nos distritos de Macomia, Muidumbe e Mocímboa da Praia. A mídia ruandesa informou pela primeira vez na quarta-feira, 23 de Março, que 120 mulheres, homens e crianças chegaram a uma base militar conjunta moçambicana e ruandesa na semana passada, tendo escapado de bases insurgentes. Na quinta-feira, fontes da vila de Macomia afirmaram que entre 50 e 80 mulheres, crianças e idosos chegaram à vila nos dias anteriores, tendo aparecido perto das aldeias de Chai e Muagamula na estrada que vai para Awasse em Mocímboa da Praia. Eles já foram levados para Pemba, mas ainda não estão autorizados a se juntar às suas famílias.

Mais reféns começaram a chegar no fim de semana da zona do rio Messalo. Os números ainda não são claros, mas dizem que eles parecem estar desnutridos.

Em Nangade, foram também observados insurgentes que se deslocaram às proximidades do rio Mtumbue ao longo da semana, mas até agora não atacaram. Na terça-feira, 22 de Março, um grupo de civis fugiu depois de avistar um grupo de insurgentes a 18 km ao norte da sede do distrito de Nangade. Na sexta-feira, foram vistos mais uma vez em redor das baixas do rio Mtumbuerio.

Uma nota da consultora de segurança Aldebaran refere que existem agora pelo menos três grupos principais de insurgentes em Cabo Delgado: um, o maior, foi o responsável pela invasão da ilha de Matemo a 15 de Março; o segundo maior está atualmente ativo em Mueda e realizou o ataque a Naida; e o terceiro está sediado em Nangade. Aldebaran disse que o número total de combatentes é de pelo menos 100, mas provavelmente muito mais. Em Novembro, a Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) em Moçambique (SAMIM) estimou que havia 300 insurgentes ativos e, embora o número total de combatentes pareça ter diminuído, nenhum desses números pode ser verificado de forma independente.

Em Matemo, as forças de segurança estão determinadas a localizar os restantes insurgentes que se esconderam na ilha, que agora está em estrita quarentena. A pesca é proibida e quem entra e sai da ilha deve ser revistado minuciosamente e apresentar documentos. Na terça-feira, 22 de Março, o comandante da polícia nacional, Bernardino Rafael, anunciou que as unidades caninas foram trazidas para Matemo. No entanto, encontrar os insurgentes provavelmente será difícil, pois eles podem se misturar com a população durante o dia e alguns deles são moradores da ilha.

Muitos moradores de Matemo se sentem inseguros, pois havia rumores de um possível ataque antes da invasão de 15 de Março que foram ignorados pelas autoridades e os insurgentes que escaparam da ilha advertiram que regressariam. Muitos dos ilhéus querem partir para outras partes do país, mas não podem devido ao confinamento.

FOCO SEMANAL: MAIS AVANÇOS E RECUOS NO RETORNO À MOCÍMBOA DA PRAIA

Tanto a insurgência quanto o governo moçambicano vêem o estratégico distrito de Mocímboa da Praia como central para controlar o destino do conflito e a economia do norte de Cabo Delgado. Durante os 12 meses em que a vila de Mocímboa da Praia esteve sob domínio dos insurgentes, até serem [expulsos](#) por uma ofensiva conjunta das forças moçambicanas e ruandesas em Agosto de 2021, os insurgentes estabeleceram as suas principais bases no distrito de onde planearam e coordenaram os ataques em distritos vizinhos como Palma, Macomia, Nangade, Muidumbe; em Mueda, mais a oeste; e em áreas costeiras e ilhas no Oceano Índico. Foi de Mocímboa que foi orquestrado o [grande ataque](#) à vila sede de Palma há um ano, e para onde foram levados todos os civis capturados e bens saqueados de Palma.

Para o governo moçambicano, controlar Mocímboa da Praia é fundamental para destruir o núcleo da insurgência e, conseqüentemente, para garantir a segurança do vizinho distrito de Palma e a retomada do projeto de

Gás Natural Liquefeito (GNL). Se os insurgentes não detiverem Mocímboa da Praia, a sua capacidade de representar uma grande ameaça para a vila de Palma é reduzida. Mocímboa da Praia é também o porto mais próximo do local do projeto, e será vital para o desenvolvimento do projeto de GNL e para a prestação de serviços logísticos e marítimos. O Director Geral da TotalEnergies em Moçambique, Maxime Rabilloud, [visitou](#) a vila de Mocímboa da Praia no dia 13 de Março para avaliar as actuais instalações portuárias que o distrito oferece e para avaliar a prontidão do porto para ser utilizado para fins logísticos. Um terceiro aspecto importante é que o repovoamento de Mocímboa da Praia, e o restabelecimento dos serviços do Estado, foram [apontados](#) pelo CEO da TotalEnergies, Patrick Pouyanné, como pré-condição para a retomada do projeto de GNL. A empresa quer também ver o regresso de centenas de deslocados de Mocímboa da Praia, que actualmente se encontram alojados nas aldeias de Quitunda e Maganja, à beira do local do projecto da TotalEnergies em Afungi. Tanto os pronunciamentos de Pouyanné como as visitas de Rabilloud aumentam a pressão da TotalEnergies sobre o governo moçambicano para devolver os deslocados a Mocímboa da Praia.

No entanto, os esforços para transferir a população deslocada de volta para Mocímboa da Praia [falharam](#), e até agora não há certeza de quando esse processo vai realmente avançar. Segundo o actual administrador substituto de Mocímboa da Praia, João Saraiva, o distrito não está preparado para receber nem a população nem os funcionários públicos. Em longa entrevista ao jornal moçambicano *Savana*, Saraiva fez um panorama da situação do distrito, focando os esforços do governo para restabelecer a segurança e o retorno da população local e serviços estatais. Saraiva disse que todo o distrito foi severamente devastado pelo conflito, com excepção das aldeias de Diaka, Nanil, Panjele e Mitose, que ficam na fronteira com o distrito de Mueda. Nenhuma infraestrutura em Mocímboa foi poupada pela insurgência. O principal hospital do distrito foi completamente destruído, as escolas não conseguiram retomar as aulas, e ele e os poucos funcionários que se encontram em Mocímboa da Praia trabalham em tendas improvisadas. [De acordo](#) com o governador de Cabo Delgado, Valige Tauabo, os funcionários que se encontram em Mocímboa da Praia estão lá para fazer os preparativos para o regresso da população deslocada.

Uma fonte disse que os autocarros partiram de Pemba na semana passada para Mocímboa da Praia, transportando funcionários do Conselho Municipal de Mocímboa da Praia - mas fontes do Cabo Ligado disseram que o distrito não está preparado para um regresso em grande escala dos funcionários públicos e da população. As fontes corroboram com os comentários de Saraiva e disseram que o distrito não está preparado para um retorno em grande escala dos servidores e da população. Mesmo os funcionários públicos que estão na vila são restritos para onde podem ir, por razões de segurança, e o acesso de civis é restrito na área costeira, áreas agrícolas e outras partes da vila. O administrador distrital de Mocímboa da Praia esteve em Maputo na semana passada para uma [reunião](#) sobre os desafios da reconstrução pós-conflito em Cabo Delgado, onde disse existir um plano e orçamento para a reconstrução do seu distrito, mas que actualmente existe a falta de recursos financeiros para sua implementação. Na reunião, que também contou com a presença de administradores de Palma, Nangade e Muidumbe, foi discutido o plano de reconstrução que prioriza a reconstrução de infraestruturas do governo local, serviços de saúde e educação, infraestrutura de abastecimento de água e restabelecimento de meios de subsistência para que os deslocados reiniciem suas vidas. O plano de reconstrução de Cabo Delgado está orçado em 300 milhões de dólares.

RESPOSTA DO GOVERNO

O Presidente moçambicano, Filipe Nyusi, fez uma viagem de três dias ao Reino da Jordânia, a 23 de Março, para participar de encontros no âmbito do Processo de Aqaba, uma iniciativa do Rei Abdullah da Jordânia para reforçar a cooperação internacional nos domínios militar e de segurança. No seu discurso, Nyusi [pediu](#) apoio à comunidade internacional de cerca de 300 milhões de dólares norte-americanos para financiar os custos das operações de contra-insurgência em Cabo Delgado, e cerca de 320 milhões de dólares para reforçar a capacidade de defesa e fornecer formação e reequipamento de tropas para garantir que a defesa e as forças de segurança sejam capazes de fornecer segurança quando as forças estrangeiras, em referência às tropas do Ru-

anda e SAMIM, se retiram de Moçambique. Na Jordânia, o presidente moçambicano manteve encontros separados com o Presidente do Ruanda, Paul Kagame, e o Presidente da República Democrática do Congo, Félix Tshisekedi, e poderá também ter-se reunido com o Primeiro- Ministro Kassim Majaliwa, em representação do Presidente Samia Suluhu Hassan, para discutir questões de segurança na região da SADC. O conteúdo das conversas não foi divulgado.

Ainda, o ministro da Defesa moçambicano, Cristóvão Chume, [deslocou-se](#) a França e ao Reino Unido de 13 a 21 de Março, procurando reforçar as relações bilaterais nas áreas da defesa e segurança. No Reino Unido, Chume realizou reuniões com funcionários do governo britânico e participou de uma feira sobre defesa e segurança. [Apelou](#) à comunidade internacional para fornecer financiamento às missões do Ruanda e SAMIM em Cabo Delgado, bem como apoio na modernização e reforma das forças armadas de Moçambique, uma vez que o país necessita de reforçar a sua capacidade militar.

O Ruanda também confirmou ter solicitado apoio financeiro da União Europeia para financiar o seu destacamento de cerca de 2.000 soldados e 500 polícias adicionais em Cabo Delgado. [Segundo](#) o Alto Comissário ruandês em Moçambique, Claude Nikobisanzwe, o financiamento destina-se a cobrir as operações do Ruanda. Nikobisanzwe disse ainda que não há prazo para a retirada de Moçambique e que o Ruanda vai permanecer em Moçambique até que a situação em Cabo Delgado esteja controlada. Assegurou que a situação nas áreas sob responsabilidade do Ruanda, ou seja, Palma e Mocímboa da Praia, é pacífica e que aguarda que o governo moçambicano faça uma avaliação para decidir sobre o regresso das populações deslocadas a essas áreas.

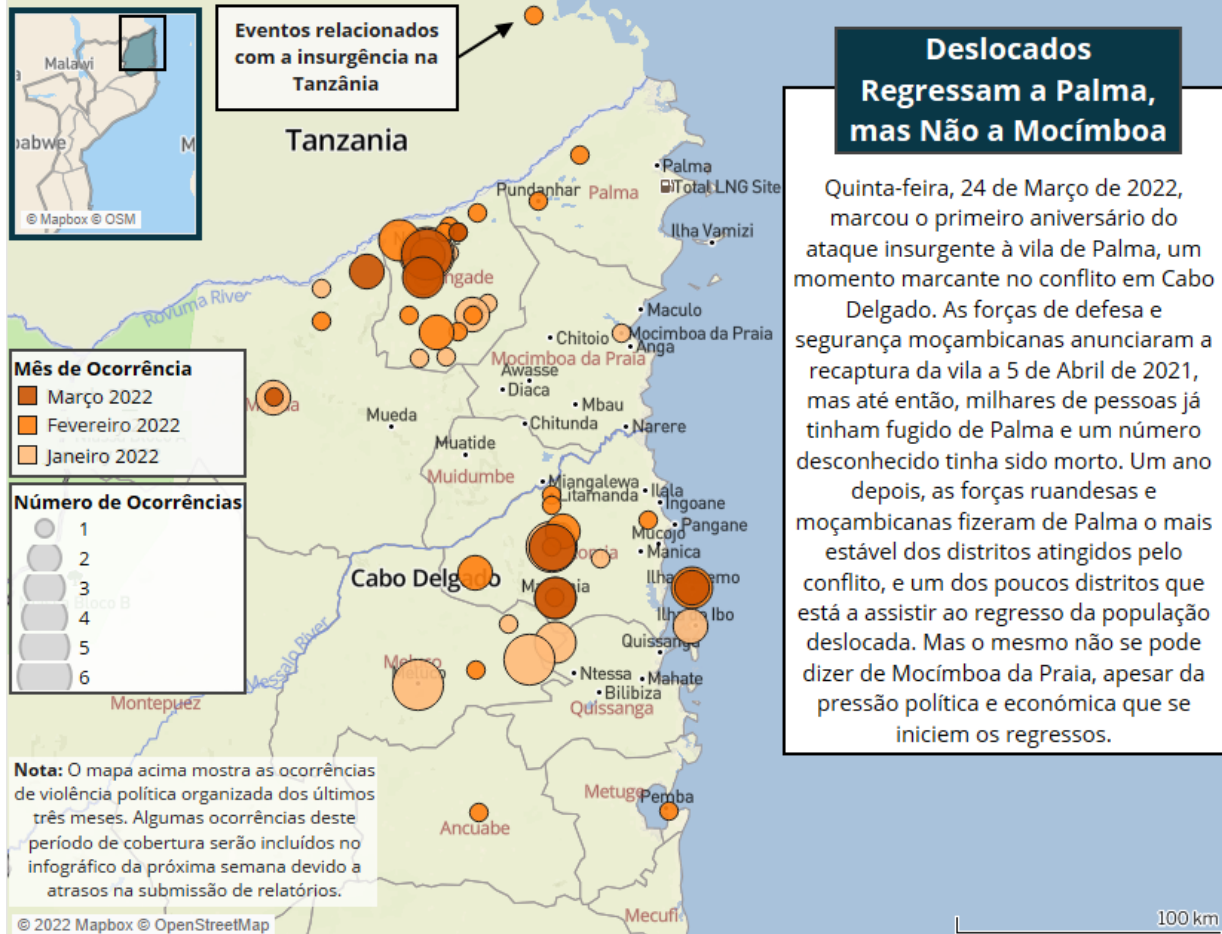
Num evento organizado pelo Instituto para a Democracia Multipartidária (IMD) e o Fórum das Organizações da Sociedade Civil de Cabo Delgado (FOCADE) na semana passada em Pemba, capital da província de Cabo Delgado, organizações da sociedade civil [exigiram](#) uma maior participação e envolvimento no plano de reconstrução de Cabo Delgado. Segundo eles, o processo de concepção, implementação e monitoramento do plano de reconstrução não incluiu organizações da sociedade civil e é marcado pelo secretismo dada a falta de transparência e clareza sobre o processo. Além da exclusão, as organizações da sociedade civil alegam que a gestão do plano de reconstrução é feita e implementada a nível central, o que é um obstáculo para que o plano leve em conta as aspirações e expectativas locais. Em resposta, o governo provincial justificou a não inclusão da sociedade civil no processo afirmando que existem receios de infiltração nos grupos de trabalho e que a sociedade civil deve confiar nas entidades que lideram o processo.

Quinta-feira, 24 de Março de 2022, marcou o primeiro aniversário do ataque insurgente à vila de Palma, um momento marcante no conflito em Cabo Delgado. A batalha que se seguiu depois que os insurgentes invadiram Palma durou pouco menos de quinze dias, mas o suficiente para criar um rastro de destruição e catástrofe humanitária. As forças de defesa e segurança moçambicanas [anunciaram](#) a reconquista da vila a 5 de Abril de 2021. No entanto, milhares de pessoas já tinham fugido de Palma e um número incerto de pessoas morreu em consequência da violência. A TotalEnergies suspendeu seu projeto de GNL nos dias após o ataque. Um ano depois, há poucos relatos de violência no distrito. As forças conjuntas ruandesas e moçambicanas estão espalhadas pelo distrito de Palma, tornando-o o mais estável dos distritos atingidos pelo conflito. Parte da infraestrutura afetada pela violência está a ser reabilitada. Palma é um dos poucos distritos que está a assistir o regresso das populações graças à estabilidade em termos de segurança, mas ninguém sabe quanto tempo essa estabilidade irá durar, especialmente se as forças ruandesas se retirarem da área. Há também dúvidas se e quando as operações da TotalEnergies em Afungi serão retomadas. No entanto, o [desafio](#) para o Administrador Distrital de Palma, João Buchili, é a reconstrução e desenvolvimento do distrito.

A Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) [manifestou preocupação](#) com a continuação da violência na província de Cabo Delgado. De acordo com o ACNUR, muitos civis continuam a fugir da violência e, somente entre Janeiro e meados de Março, pelo menos 24.000 pessoas foram deslocadas por ataques no distrito de Nangade. Dada a escalada da violência, a ACNUR considera prematuro o retorno dos deslocados às

suas áreas de origem e pede o restabelecimento da segurança como uma das pré-condições para o seu retorno. O foco da agência de refugiados nos deslocados dentro de Moçambique contrasta com a [preocupação](#) do ano passado com o retorno forçado de refugiados do conflito pela Tanzânia, uma prática que ainda [continua](#).

Resenha Semanal Ligado #91



Em Números: Cabo Delgado (1 Outubro 2017 - 25 Março 2022)

Número total de ocorrências de violência organizada: **1,208**

Número total de fatalidades reportadas de violência organizada: **3,874**

Número total de fatalidades reportadas por violência organizada contra civis: **1,689**

*Os números mostrados aqui e no gráfico de linhas abaixo são apenas para a província de Cabo Delgado. Ver relatório completo e website do ACLED para mais informações sobre terminologia.

